
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 4, julho a dezembro de 2006

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL REALISTA PEDE O IMPOSÍVEL

Sírio Lopez Velasco¹

RESUMO

Neste artigo resgatamos a prática da Utopia (seguindo os passos de Thomas More e Karl Marx, dentre outros) para apresentar a ordem sócio-ambiental ecomunitarista que norteia nossa concepção de educação ambiental a partir da ética argumentativa que vimos desenvolvendo na última década. A seguir refletimos brevemente sobre sua atual negação na sociedade capitalista e abordamos alguns desafios que a concepção acima citada tem pela frente.

Palavras-chave: Ecomunitarismo, educação ambiental, ética argumentativa

INTRODUÇÃO

O nosso dia-a-dia está tão recheado de capitalismo que se constitui numa necessidade vital da respiração saudável imaginarmos a rotina do outro mundo possível que postulamos com nossa concepção da educação ambiental (EA). Dai a breve jornada de

¹ Professor do Departamento de Educação da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG - decsirio@furg.br . Pesquisador e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

Almotásim na sua cidade-planeta de Tlön. Na sua apresentação estão implícitos conceitos fundamentais da nossa concepção ética e de EA (Lopez Velasco 2003a e 2003b).

UMA JORNADA DE ALMOTÁSIM EM TLÖN

Almotásim acordou aquele dia, como quase sempre, de bom humor. Tomou um banho quente com água aquecida pelas placas solares e sentindo como a água retornava pelos canos para o depósito no qual (mediante uso da mesma energia) o líquido elemento era limpo uma e outra vez para habilitá-lo a cumprir a mesma função (até que, por recomendação médica, era destinado a usos menores, como lavar roupas e pisos, e molhar as plantas). Na cozinha o forno-fogão alimentado pelas baterias do prédio carregadas com energia eólica (e submetidas de tempos em tempos aos necessários reparos nos quais os componentes, inclusive a solução química, eram trocadas e recicladas) o café da manhã anunciava-se esfumegante, junto com os *croissants* que suas filhas tanto prezavam. Como ninguém é de ferro, Almotásim degustou um pouco da sua marmelada favorita ao tempo que ouvia no rádio-solar o noticiário. Uma enchente havia causado sérios estragos em Uqbar e os vizinhos afetados tinham sido levados para as terras altas, nas quais os aguardavam os bairros já preparados de antemão para recebê-los em caso de necessidade, onde cada prédio tinha um *stock* dos suprimentos não-perecíveis essenciais; uma equipe de pesquisadores de Orbis anunciava para breve a colocação em serviço de outra geração de naves interoceânicas com volume reduzido de ruído e velocidade e capacidade de transporte aumentados; antes da música veio a raridade do dia: alguém viu na casa de um rapaz um computador portátil que lhe pertencia; falou com a moça que naquele mês assumia a coordenação da ação comunitária no bairro e foram visitar o rapaz; rapidamente veio a tona que por uma estranha timidez misturada de orgulho não quis contar a ninguém que durante uma excursão marítima tinha deixado cair o seu *notebook*, pelo que decidiu pegar o do amigo de um amigo, durante uma inesperada visita ao seu domicílio; o rapaz foi convidado a se reunir no dia seguinte com a comissão que naquele mês cuidava da ação social e a mesma deliberou que cabiam dois encaminhamentos: aconselhar o rapaz para cuidar da sua timidez orgulhosa (se necessário com a ajuda de alguém que tivesse

especialização na área), e convidá-lo a passar pelo depósito comunitário do bairro para retirar dali (com o devido registro computadorizado) um outro portátil, devolvendo o outro ao seu dono. Almotásim abanou diante do micro-receptor e o rádio apagou-se. Antes de sair, visitou a privada com sistema biodigestor seco (cuja terra era esvaziada periodicamente para o devido processo de reciclagem-reutilização), lavou as mãos (com a mesma água usada pelo chuveiro), escovou os dentes com a mínima quantidade de água separada para esse uso, e para beber, preparar as comidas e lavar a louça (que depois de usada juntava-se à do banheiro). Chegou devagar ao dormitório onde Rafaela ainda dormia e lhe deu um silencioso beijo de despedida; o mesmo fez com o casal de filhos, no seu respectivo dormitório. Pensou: as meninas crescem (havia muito tempo que como mais uma medida para combater o machismo que tinha reinado por séculos os plurais mistos levavam a marca do feminino), e pronto teremos que solicitar ao depósito comunitário mudança para uma casa com outro dormitório, para que algum casal recém formado venha se instalar nesta. Abriu a porta (que, como todas as de Tlön carecia de fechadura) e saiu ao pátio interior do prédio; um belo jardim o acolheu com o perfume de diversas flores; (semana que vem fazemos parte da equipe de vizinhos que deve tomar conta do jardim); passou ao lado do *playground* com areia e brinquedos de criança, olhou distraidamente para a piscina coletiva coberta que naquela hora estava vazia, e saiu à rua pelo vão que nenhum portão fechava. Seu relógio solar não o enganou e naquele preciso instante o micro-ônibus laranja dobrou a esquina. Ao subir descobriu no lugar do motorista o médico que o havia atendido no ano passado quando torceu o joelho jogando futebol.

- Hola, como vai...
- Almutamid, acrescentou o outro, sentindo o desconforto de Almotásim por constatar que não lembrava do seu nome. Estou ótimo. Precisava sair por um semestre daquela clínica pois, como você sabe, a responsabilidade do médico é muito estressante; aqui somente estamos para cuidar de urgências quando falha a direção automática do veículo orientado por satélite, para ajudar idosos e crianças a subir ou descer, e para bater papo com os conhecidos; tudo isso somente pela manhã, pois reservo a tarde para o esporte, a leitura (sempre é necessário acompanhar as últimas novas da medicina, além do que, você sabe, tenho uma queda especial pelos antigos como Borges e García Márquez), e a vadiagem. Ano

que vem não sei ainda se voltarei para a clínica ou se, como outras vezes, irei me embarcar para pescar no mar (você sabe que essa atividade quase folclórica, por causa dos enormes rendimentos dos criadouros de água salgada e doce, sempre me apaixonou, e que barco é comigo mesmo, embora às vezes a tontura me acompanhe).

- Que ótimo que tudo esteja bem contigo; mas o que diz a tua família quando resolves bancar o marinho-pescador?
- Ainda não sosseguei; prefiro ficar, sem atolar...
- Ainda não sabes o que é de veras bom!

Ambos riram de boca cheia e no momento seguinte ajudaram a subir uma senhora com um chapéu verde, copiado, sem dúvida, do de Miss Marple.

Almotásim sentou-se e duvidou se acionava o sistema de tela e auriculares que lhe permitia seguir no respaldo da poltrona da frente, musicais, noticiários, programas científicos ou de arte; optou por saborear o sol e ficar tranqüilamente vendo janela o mundo passar.

Poucos quarteirões depois Almotásim apertou o botão vermelho e o micro-ônibus se deteve suave, flutuando silenciosamente sobre os trilhos metálicos que o faziam circular por impulsos magnéticos. Acenou com uma mão para Almutamid que o espiava pelo retrovisor e desceu.

Pegou uma das bicicletas comunitárias que aguardavam no posto próximo e pedalou alguns quarteirões até chegar ao seu local de atividade naquele semestre. (Note-se que não dizemos “local de trabalho”, porque, como todos sabem, o “trabalho” era aquela atividade da pré-história da humanidade na qual as pessoas eram obrigadas, para sobreviver, a obedecer ordens desgastando seu corpo e mente em tarefas que aborreciam e para beneficiar uma minoria de espertalhões que possuíam em regime de monopólio os meios de produção). Passou pelo pátio e buscou a sala. À sua porta aguardava um grupo de jovens de ambos os sexos e alguns do terceiro (como faziam questão de não ocultar de ninguém). Abriu a porta sem chave e adentrou-se na sala cujo centro estava ocupado por um pátio florido banhado pelo rumor suave da água que escorria de uma fonte que imitava o antiqüíssimo modelo da Alhambra. Redes e camas romanas estavam dispostas no pátio e embaixo das partes cobertas e limitadas por uma

colunata; a elas faziam companhia cadeiras-mesas anatômicas com ângulos calculados e estofado amortecedor; numa das paredes brilhava a tela acoplada ao computador e ao aparelho de vídeo-áudio (do qual Almotásim decidiu usar naquela manhã somente o dispositivo que, a partir do minúsculo microfone que cada um abotoava na sua camisa, elevava o tom de voz até a altura necessária). As alunas distribuíram-se, segundo o seu desejo; algumas acionaram seu gravador de som e imagens; quase todas orientaram seus rostos para a cadeira-mesa na qual Almotásim preferia se acomodar para ordenar melhor as idéias (quase nunca falava andando, embora não dispensasse desse recurso, quando as pernas assim o pediam); contrariamente à maioria dos seus colegas, raramente usava o dispositivo de vídeo-áudio capaz de aportar a qualquer momento a contribuição de vídeo-conferências em vivo ou gravadas, que o satélite trazia de qualquer parte do planeta, com tradução simultânea, ou ainda as informações da Rede, acopladas às inúmeras bibliotecas digitalizadas ao redor de Tlön, onde eram acessíveis instantaneamente desde os clássicos até os últimos lançamentos.

- Como tínhamos falado no último encontro... (sentiu que o volume estava baixo e o corrigiu proferindo as palavras “aumenta um pouco o volume”)...como tínhamos falado no último encontro, nosso tema hoje é o amor; é claro que seríamos imbecis se pensássemos que é tema para uma aula, porque como alguém já disse, o amor não acaba nunca de ser feito; mas trata-se de dar hoje e nos próximos encontros alguns passos nessa selva...

Como outras vezes Emma falou a primeira.

- Li como indicaste “O Banquete” de Platão e fico intrigada pelo fato de que aquele genial grego contrapusesse de forma tão aguda a atração sexual e a cooperação espiritual, para reservar somente a essa última o nome de amor verdadeiro.

René, do terceiro sexo, foi rápida/o na resposta.

- Não faltava hipocrisia ao genial Platão, pois ele foi sucessivamente amante-amado quando adolescente e amante-amador de adolescentes quando adulto; aliás, todos sabemos que para os gregos da época essa era a regra e não a exceção...E Platão não deixa de contradizer na sua prática a teoria que defende em palavras, pois em uma e outra posição Platão, como os outros, juntava o prazer do corpo ao do espírito.

Várias/os alunas/os começaram a falar ao mesmo tempo e Almotásim pediu que cada um se expressara de uma vez, para que todos pudessem ouvir e ser ouvidos. Alguns resolveram caminhar silenciosamente pelo pátio, para ouvir ajustando seus pensamentos. As intervenções se sucederam. O mestre ouviu as várias opiniões, pedindo às vezes que o expositor esclarecesse um ou outro ponto do seu argumento, e depois decidiu que era o momento de intervir.

- Proponho que façamos o intervalo e que ao voltarmos focalizemos a seguinte questão: tanto no relacionamento sexual como no trato intelectual, cada um de nós não quer ser respeitado como pessoa? Esse respeito não é pelo menos boa parte do que poderíamos chamar “amor”? Em que ética poderíamos fundamentar esse respeito?

As jovens aproveitaram a sugestão para enfileirar rumo à porta, trocando ruidosamente idéias em pequenos grupos. Algumas delas seguiram para se integrar às equipes que naquela semana deviam cuidar dos pátios e da limpeza das salas ou para tomar conta do refeitório, ou, ainda (depois do devido treinamento) para compor as equipes de massagem, a uma das quais recorreu Almotásim. Sentou-se na cadeira inclinada afundando a cabeça na almofada que para esse fim servia e, por cima da roupa, hábeis mãos relaxaram suas costas, braços e nuca. Depois chegou-se ao refeitório onde escolheu gratuitamente, como todo mundo, as porções balanceadas pelos dietéticos de plantão, dos salgados, doces e sucos (de frutas ou hortaliças orgânicas) apetitosos e nutritivos (e variados, para satisfazer os diversos gostos); fazendo equilíbrio com a bandeja preferiu ficar sozinho numa mesa deserta ao pé de uma fonte na qual nadavam peixes coloridos. Degustou suas escolhas nos pratos e copo de madeira (havia muito tempo que o uso do vidro tinha sido reduzido ao mínimo necessário e que o plástico biodegradável era uma exceção destinada a usos indispensáveis; aliás, nas indústrias todas as tarefas repetitivas ou pesadas eram desempenhadas por robôs e aos humanos somente cabia a função, que exerciam em rodízio, de vigiá-los). O canto da água da fonte levou seus pensamentos para longe. Quando quis acordar era hora de voltar para a aula. Lá já o esperavam todas. Apenas reocupados os seus lugares três mãos se levantaram para opinar sobre as três questões prévias ao intervalo.

Almotásim comprovou que todas concordavam quanto à primeira e a segunda. Em relação à última alguém citou Kant longamente.

O mestre passou a mão no queixo e falou:

- Kant é sem dúvida um dos grandes. Mas gostaria de resgatar aqui a contribuição de um obscuro pensador que sustentou que questionando a gramática profunda da pergunta que instaura a ética (sem a qual essa não existe), a saber, “que devo fazer?”, e supondo somente que, como disse Austin, pretendemos realizar atos felizes de fala, podemos deduzir três normas éticas de validade universal que determinam, respectivamente, que devo lutar para realizar minha liberdade individual de decisão, que devo realizá-la de forma consensual com os outros (para que a minha liberdade não se oponha à deles, mas se realize junto com ela), e que ambas coisas devem acontecer no contexto de uma vida que preserve-regenere na sua forma saudável a natureza humana e não-humana. Ora, vejam que quando pedimos respeito o fazemos na condição de pessoas que queremos ser livres, conforme determina a primeira norma da ética aqui referida; e o mesmo acontece quando reivindicamos decisões consensuais (conforme a segunda norma), que incluem, como seu nome o indica, o respeito pela nossa opinião. Dai que, vejam, no meu entendimento a ética proposta pelo referido pensador proporciona o fundamento último a partir do qual podemos pedir respeito e reivindicá-lo como uma das formas do amor. Notem que a terceira norma foi colocada nos pré-históricos tempos do capitalismo onde, por incrível que possa parecer a vocês, a humanidade, controlada pela minoria capitalista, dedicava-se em nome do lucro a destruir alegremente o nosso planeta e a condenar à infelicidade por causa do trabalho alienado a maioria dos seus membros (incluídos os próprios capitalistas que, aparentemente, se beneficiavam de toda aquela loucura).

Houve intensa troca de opiniões sobre esses assertos e várias/vários alunas/os pediram as referências bibliográficas do autor citado pelo mestre. No fim, um deles chamou a atenção para o fato de que não só o tempo estava cumprido mas que o cansaço das cabeças merecia o fim do encontro.

Despediram-se com acenos de mãos e Almotásim decidiu voltar para casa caminhando. Como acontecia com todo mundo, a casa familiar do (naquele semestre) mestre estava à

proximidade do local de atividade; e, sem qualquer custo, a família ia usando alternada e sucessivamente quantas casas fosse preciso para guardar essa proximidade. No trajeto e pouco antes de chegar deparou-se com a Escola das crianças, perdida num denso arvoredo (rico em pássaros e outros animais), que tinha horta mantida pelos alunos e mestres (com fins pedagógicos e também para alimentar a panela da instituição), ginásio e instalações esportivas variadas. Quando chegou, as crianças estavam saindo e coincidiram com Rafaela, que acabara de deixar sua tarefa semestral (limpadora das ruas do bairro, com ajuda das máquinas movidas a energia solar), que era a mesma que aguardava a Almotásim (também tentado pela agricultura) no semestre seguinte (no qual Rafaela, com certeza, optaria por voltar a exercer como engenheira de construção). Já os quatro juntos encaminharam-se a pé até o Centro Comunitário (o mesmo que tinha o antes citado depósito) para almoçar. Num estilo igual ao do refeitório da Universidade onde lecionava Almotásim, desfrutaram em família do almoço. Depois, enquanto as filhas do casal ficavam para ajudar na limpeza da louca pois era sua vez, Almotásim e Rafaela decidiram tirar uma soneca e fazer aquele belo amor vespertino digno de Al-Andalus. Depois ela foi para a aula de dança árabe, enquanto ele preferia o basquete; ambos eram praticados gratuitamente em outras tantas instalações comunitárias do bairro. (Como não é a primeira vez que nessas linhas é questão de gratuidade é hora de lembrarmos nosso leitor que em Tlön ha muito tempo o dinheiro desapareceu pois a escala planetária, graças à solidariedade recíproca entre os povos, institucionalizada na Organização dos Povos Unidos (OPU), foi feita realidade o lema: “de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo suas necessidades”; cada um exerce alternadamente funções de utilidade social e, em troca, recebe tudo aquilo que necessita para se realizar como indivíduo; só não vale pedir alguma coisa que sirva para desrespeitar qualquer uma das três normas éticas acima citadas; e isso é resolvido pela assembléia comunal). De banho tomado o casal decidiu que era hora de assistir aquele filme que os vizinhos não se cansavam de elogiar e que seria retirado de cartaz em breve. Cinema de graça e volta para o prédio de casa. Como a noite se anunciava quente decidiram compartilhar o comedor coletivo do prédio com alguns vizinhos que lá já estavam; as filhas, que tinham desfrutado, respectivamente de aula de pintura e clube voluntário de ciências, preferiram ficar curtindo TV interativa para sair mais tarde com

uma turminha barulhenta. No comedor cada um levava de casa algumas guloseimas e bebidas que compartilhava na mesa comum. Alguém disse que lera um velho livro no qual o personagem principal vivia angustiado pelo medo de perder o emprego e trancafiado numa casa protegida por grades sem fim. Várias vezes caridosas compadeceram-se dos longínquos tempos em que a humanidade sacrificou ao deus da insânia e se submeteu ao absurdo poder dos patrões. Um dos casais comentou que receberia em dois dias amigos que habitavam do outro lado de Tlön e que decidiram passar com eles essas férias (para logo ceder sua casa aos anfitriões nas férias deles). Alguém disse que pensava usufruir esse semestre do seu direito bianual de visitar pessoalmente (tem muito mas graça que pela Rede) uma localidade e um museu clássico; cogitava ir a Atenas ou à Amazônia, e ao Louvre. Antes da meia-noite Almotásim e Rafaela decidiram que era hora de irem para a cama. Ela ameaçou brincar com o corpo dele, e ele se defendeu:

- Rafaela, não sou de ferro...

Então ela deu as notícias:

- Amor, este semestre decidi trocar o alojamento de férias com os meus pais; eles chegarão na semana que vem pois dizem que se aborrecem de ver o mar todo dia; imagina só!...

Almotásim engoliu saliva e respondeu com um monossilábico “ahá...”, enquanto pensava “ainda bem que não aderi à experiência dos casamentos coletivos, pois isso significa multiplicar o número de sogras!”.

Desligaram a luz e se dispuseram a dormir.

A TERRA DE HOJE E A EA

Hoje sabemos que, como dizia Marx, o capitalismo arruína as duas fontes da riqueza: o ser humano e a terra. Na lógica do lucro sacrifica-se a saúde humana na angústia do desemprego e da pobreza ou na jornada estressante, a violência mata todo dia (pelo petróleo, a cor da pele ou o par de tênis do vizinho, ou ainda pela droga, a briga de casal ou o trânsito), o ar fica irrespirável nas grandes cidades e as florestas sofrem as conseqüências da sede de ganância e da chuva ácida, o efeito estufa e o buraco na camada de ozônio modificam perigosamente o clima e aumentam a

incidência do câncer de pele, os rios e mares são diariamente envenenados com ingentes cargas de matérias tóxicas (em especial agrotóxicos), que antes de chegar a eles poluíram as terras e as pessoas. Por tudo isso o capitalismo transformou-se em algo mais que uma ameaça às riquezas: passou a ameaçar a vida no planeta inteiro. Mas o capitalismo tem defensores poderosos que detêm o poder econômico, militar e cultural. Todo dia a TV invade a casa de cada família para decretar que outro mundo não é possível porque “o mercado” determina isto ou aquilo, ao tempo que nas escolas e Universidades, inclusive mestres bem intencionados insistem para que seus alunos compreendam que devem se preparar para competir no “mercado”. Mas o que é o “mercado” senão o conjunto das relações produtivo-distributivo-de-consumo entre as pessoas que escaparam ao seu controle e gestão? Ou seja, aquele discurso da TV e dos educadores significa que é normal e conveniente que a humanidade seja escrava das suas invenções interativas e não a gestora das mesmas. Cabe à educação ambiental discutir aquele estado de coisas e esse pressuposto. Não a toa até o organizador da Rio 92 manifestou naquela conferência que a discussão ambiental precisava questionar o atual modo de se praticar a economia. É bom lembrarmos que a dita palavra deriva do grego “oiko-nomia”, que na era clássica significava a gestão das necessidades da casa (oikos), para que nada necessário lhe faltasse. O capitalismo realizou o milagre de inverter a tal ponto as relações que quer nos fazer acreditar que o ser humano deve se amoldar à Economia, e não o contrário. Mais um absurdo a ser questionado. Para dar conta dessa imensa tarefa a EA precisa (e resumo ao meu modo a pretensão da conferência de Tibilisi) abranger conjuntamente a ética e as áreas do conhecimento e das habilidades; todas elas visam um novo comportamento. No meu entendimento a ética capaz de pedir-obter adesão universal (independentemente de credo religioso ou a priori ideológico) é a das três normas que expusemos acima. Ela resume num fecho só a fundamentação da libertação humana e da preservação-regeneração da natureza não-humana, e aponta para o ecomunitarismo, horizonte utópico no qual os seres humanos reconciliam-se entre si e com o restante da natureza. Se alguém disser que a realização do ecomunitarismo é impossível eu poderia concordar de bom grado, salientando que precisamente essa característica faz parte do seu perfil utópico; mas o ecomunitarismo é uma indispensável guia para a ação; um norte, sem o qual perigamos ficar sem rumo ou

andando em círculos, mesmo quando temos as melhores intenções. Suspeito que boa parte do mal-estar da juventude de hoje, massacrada por um sistema capitalista que a obriga a estudar e depois nega-lhe a oportunidade de exercitar aquilo que aprendera, vem, também dessa falta de horizontes para além do dia-a-dia frustrante e sem amanhã. O ecomunitarismo é a bandeira que assumindo essa realidade apresenta à EA o desafio de assumi-lo como guia; isto é, retomando o lema do movimento estudantil de maio de 1968, de ser realista, pedindo o impossível, e, para tanto, colocar cada dia a imaginação no poder. Essa EA deve ocupar as salas da educação formal e se espalhar pela comunidade, através das famílias, das ONG's, das associações de bairro, dos movimentos sociais, dos sindicatos, dos partidos, dos comunicadores ganhos para a causa e das lideranças religiosas quando descobrirem que a “religião” consiste etimologicamente em religar os seres humanos entre si e com o restante da natureza. Tal EA problematizadora tem em Paulo Freire seu principal precursor e mentor e assume-se como atividade “política”, quer dizer vivendo e visando a transformação da “polis” (a cidade-país-planeta) numa busca de aproximação ao ecomunitarismo. Seu rádio de ação espalha-se do distrito até o planeta inteiro, criando os espaços de reflexão e atividade conjunta (dos quais o Fórum Social Mundial já é um bom exemplo a ser aperfeiçoado na sua capacidade de intervir com eficácia na concretização de soluções para os problemas claramente diagnosticados há muito). Inimiga da violência porque embasada na ética argumentativa, essa EA não teme no entanto reconhecer que assim como se amarra uma pessoa vítima de um ataque de loucura, para que não machuque e se machuque, assim também é possível que tenha que se coibir os cegos capitalistas que com sua ação prepotente nos levam (e vão eles próprios e suas famílias ou descendentes) rumo ao abismo do holocausto da espécie (e de muitas outras espécies). Para fazer possível um mundo de pessoas pacíficas essa EA não pode fugir do combate, pois isso significaria deixar o terreno livre aos vampiros sem função ecológica, que são os donos do mundo de hoje. Para efetivar o que de ela se espera a EA ecomunitarista deve aprender a combinar o ensino-aprendizagem da sala de aula com a ação comunitária (através de todas as instâncias recém mencionadas).

BIBLIOGRAFÍA

- Freire, Paulo (1970). *Pedagogia do oprimido*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Lopez Velasco, Sirio (2003a). *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*, Ed. Unisinos, S. Leopoldo.
- Lopez Velasco, Sirio (2003b). *Fundamentos lógico-lingüísticos da ética argumentativa*, Ed. Nova Harmonia, S. Leopoldo.
- Marx, Karl (1844). *Ökonomische-Philosophische Manuskripte*, Rowohlt Taschenbuch Verlag, Hamburg, 1968. *Manuscritos de economia e filosofia*, Alianza Editorial, Madrid, 1970.
- More, Thomas (1516). *A Utopia*, in *Os Pensadores*, Ed. Abril, S. Paulo, 1997.